

CRÔNICA

Leia atentamente o texto que se segue. Trata-se de uma tentativa de definição de crônica de imprensa feita pela Sociedade da Língua Portuguesa (SLP), instituto português destinado à “investigação, defesa e difusão da Língua Portuguesa”. Em seguida, você encontrará dois exemplos de crônica: uma crônica real, de Carlos Heitor Cony, publicada na Folha de S. Paulo em 17 de agosto último; e uma meta-crônica, de Ignácio de Loyola Brandão, publicada em O Estado de S. Paulo, há quatro anos. Compare cuidadosamente as estratégias utilizadas por Cony e Brandão com as indicadas no texto de JMC. No que coincidem? No que se afastam? Em seguida, redija uma crônica, não superior a 500 palavras, inspirada na seguinte notícia (publicada pela BBC Brasil, de 23/08/2002):

O prefeito da cidade francesa de Le Lavandou "proibiu" os moradores de morrer.

Parece uma solução simples para um problema bem complicado. O cemitério da cidade está lotado e o prefeito Gil Bernardi não recebeu permissão para abrir outro.

"Ninguém, até agora, se recusou a obedecer a ordem. Nós temos apoio total da população", disse Bernardi à BBC News Online.

Mas numa cidade onde cerca de 50 pessoas morrem por ano, Bernardi admite que é difícil manter a proibição, estabelecida há dois anos. "As pessoas continuam morrendo. É terrível."

Duas medidas

Residentes permanentes da cidade ainda têm o direito de ser enterrados no cemitério. O mesmo não está garantido para pessoas que têm uma segunda residência ou para visitantes.

Esses ou são levados para a região onde moram ou acabam sendo enterrados na cidade, mas sem placa que os identifique.

No momento, Bernardi tenta achar uma solução para as pessoas que vivem na rua e morrem na cidade.

Nova atração

Bernardi tem planos de abrir um novo cemitério numa área tranquila à beira do mar. Mas um tribunal de Nice já decidiu que o lugar desperta grande interesse e se recusou a dar a permissão.

"Existe lugar para os vivos, mas não para os mortos", afirma o prefeito, acrescentando que outras áreas da cidade já têm muitas construções.

Ainda que a sua decisão de proibir os moradores de morrer não seja uma solução permanente, Bernardi diz não ver nenhuma outra alternativa.

Além do mais, a medida criou um novo interesse pela cidade. "A idéia tem gerado muito interesse, e as pessoas acham o lugar muito atraente", diz o prefeito.

O que é uma crónica de imprensa?

J.M.C.

In <http://www.ciberduvidas.com>

A crónica é um género jornalístico que integra ao mesmo tempo elementos informativos, ambientais e alguma opinião. Fica, pois, a meio caminho entre a notícia e a reportagem, distinguindo-se, por sua vez, também do chamado artigo de opinião.

Em estilo mais burilado do que é aconselhável nos textos puramente noticiosos (onde impera a simplicidade, a clareza e a sucintez da escrita), a crónica deve também conter elementos de informação. Já a diferença em relação à reportagem é que, aqui, a narrativa é mais longa e distanciada, com o jornalista obrigado a contemplar um maior número de factos, personagens e todos os pontos de vista em causa, cabendo ao leitor tirar as suas próprias conclusões. O contrário, portanto, do exercício da opinião na imprensa - seja ele em forma de editorial, comentário ou análise (da responsabilidade de directores e de jornalistas que os subscrevam, respectivamente), ou, ainda, em forma de colunas de opinião, a cargo de colaboradores externos avulsos ou permanentes (os chamados colunistas, desta ou daquela especialidade, formação ou tendência).

A crónica é uma opção editorial dos jornais para as mais diferentes circunstâncias. Por exemplo, para enquadrar mais sugestivamente o ambiente de um determinado acontecimento (político, cultural, desportivo, etc.); ou para ilustrar um pormenor mais humanizável (o "factor humano", no caso dos trabalhos dos enviados especiais e dos correspondentes no estrangeiro). Pode-se ainda adoptar um estilo mais sério ou mais irónico - e sempre, claro está, em função das características do seu autor e do tema em foco.

Para uma melhor elucidação deste assunto, sugiro-lhe a consulta de um qualquer manual de redacção jornalística. O mais disponível no mercado português é o Livro de Estilo do "Público". No Brasil, há vários: desde o da "Folha de São Paulo" ao de "O Globo". De origem espanhola, pela sua qualidade, aconselho os dos jornais "El Pais" e "El Mundo".

O resgate dos cágados

CARLOS HEITOR CONY

Folha de S. Paulo, 17/08/2002.

RIO DE JANEIRO - Preguiça de ir ao dicionário para saber se jabuti e cágado são a mesma coisa. Tenho amigos que me poderiam tirar a dúvida, mas tenho também preguiça de procurá-los. Vejo a foto do jabuti que foi vítima de uma bala perdida aqui no Rio e que o Veríssimo já comentou com a sabedoria de sempre.

Como o biscoito que Proust molhou no chá, a foto do jabuti trouxe-me o tempo perdido de volta: os cágados que o pai cismava em ter no imenso quintal da rua Conselheiro Ferraz, no Lins. Eram apenas quatro, mas pareciam uma legião, pois todos eram parecidos e apareciam nos lugares mais improváveis.

Eu não gostava deles. Nunca me fizeram mal, mas tinha repugnância daquele pescoço, que me parecia viscoso, daquela cara de réptil, mansa, mas parecida com uma cobra -nunca vi uma cobra de perto para saber como é o resto dela. Como a Demi Moore e a Feiticeira, só a conheço de fotos.

Uma das epopéias que vivi, talvez a única que mereça realmente um poema épico, foi a mudança da rua Conselheiro Ferraz para a rua Cabuçu, no mesmo bairro. Homero e Camões poderiam contá-la, mas conto-a eu mesmo, sem o mesmo engenho e sem nenhuma arte.

Numa bobeada do pessoal da mudança, os cágados foram esquecidos na calçada, dentro de um saco mal amarrado, e eles fugiram. Caçar um cágado fugitivo é uma cruzada. Caçar quatro

cágados é um armagedon, uma batalha entre o Bem e o Mal. Eles são silenciosos, não deixam rastros e, naquele tempo, não havia balas perdidas para vitimar um deles.

Foi quando ouvi pela primeira vez o verbo "resgatar", que agora está em moda. O pai conseguiu achar um deles, não disse "achei", mas "resgatei". Tomei birra pela expressão. Quando ouço ou leio que algo está sendo resgatado, penso no cágado que foi achado, de barriga para cima, caído numa vala da rua Hermengarda.

Quem entende e quem não quer entender

Ignácio de Loyola Brandão

O Estado de S. Paulo, 27 de agosto de 2000

O artigo que amigos, conhecidos, araraquarenses, leitores pediam sobre Pimenta Neves e estava pronto para este domingo, saiu quinta-feira, na página 2 deste jornal. Mal publicado, começaram telefonemas para minha casa.

Uns a favor, outros contra. Pessoas que, sem se identificar, garantiam que era o último texto meu que liam, defendi um criminoso lembrando cenas emocionais. Acho ótimo que, aqueles que não lêem as coisas como elas devem ser lidas, com atenção e concentração, que não me liam. Não defendo um crime, jamais defenderei a morte de alguém. Meu artigo foi em torno da perplexidade, das razões, circunstâncias e comportamentos do ser humano. Do inesperado e do absurdo. Aliás, imagino esses que me leram lendo O Estrangeiro, de Albert Camus. Obra-prima sobre o absurdo, premiada com o Nobel. Não iam entender. Ninguém admite o absurdo, tudo é pautado por uma lógica rasteira, rápida. E pensar que absurdos ocorrem diariamente nesse Brasil, somos o país do absurdo, mais do que nenhum outro, e a mídia está repleta deles. E ele, o absurdo, torna a vida difícil, triste, amargurada.

Isso o que quis dizer. Mas, quantos sabem ler? Sabem ver TV e achar que ali está a verdade, essa coisa que ninguém sabe o que é.

Dito o que deveria dizer, ante meu assombro com essa história toda que continua a incomodar, volto ao meu espaço e, confesso, sem saber o que dizer, hoje. Sinto-me vazio. O que os leitores têm com isso? Com os problemas existenciais do colunista? Nada. O jornalista deve vir aqui e contar um fato, comentar uma situação, esclarecer uma notícia, inventar alguma coisa. Teóricos de literatura adorariam essa declaração. Ajuda a definir o colunismo. Há décadas existe uma pendência: o que é conto, o que é crônica. Cada um tem uma opinião, de modo que há milhões de definições diferentes.

Mas nós, criadores de contos e crônicas, não estamos preocupados com limites, catalogações. Escrevemos. Nosso ofício é produzir textos que surgem de nosso interior, memória, observação, inspiração. Ah, a decantada inspiração!

Quanta gente nos pergunta sobre ela, principalmente em conversas com estudantes. A poética inspiração, sempre vista como luz que desce sobre nós no momento em que nos sentamos diante do computador. A única luz que desce sobre minha cabeça é a da luminária que acendo, porque costume escrever bem cedo, dependendo da estação, o Sol ainda não nasceu. Uma luminária que quero trocar há tempos é antiquada e obsoleta, comprei numa ponta de estoque na Rua da Consolação. Igual a daqueles escritórios antigos, anos 50/60. Mas o meu "luminarista" (existe a palavra?) predileto, o Pé Rolfsen, ainda não decidiu o que fazer, esboçou mil projetos, desistiu de todos. Enquanto isso, vou me afeiçoando a velhos objetos. Se trocar esse aqui, guardo e daqui a anos ele será vendido como design de época, vai valer dinheiro, entrego ao João Pedrosa, um especialista, e obteremos lucros, os dois.

Caminho por atalhos. Conto a crônica. Inspiração. A mais perfeita definição foi dada por Luis Fernando Verissimo, certa vez, em que o entrevistador queria dele uma resposta iluminada. "Inspiração?... Inspiração?... Para mim é o prazo". Ou seja, existe o dia ou o horário de entrega do

texto. O editor do jornal ou revista, ou seja lá o que for, não quer saber de problemas íntimos, existenciais, conjugais, de trânsito, ou de pane no computador. Ele quer o texto. Precisa. O leitor quer o texto. Então, aqui sim entra a mágica, inexplicada. Sentamos, olhamos o relógio, colocamos a mão no teclado e o texto sai. Nunca vi o espírito santo rondando, silenciosamente. O que ouço é o editor do caderno Cidades no telefone: pode mandar. Se ele pede, tenho de mandar. É um prazer esse processo.

Uma vez, nos anos 80, Analdino Paulino coordenou uma edição de crônicas de amor para um livro que seria brinde da Credicard. Convidou dez autores, eu entre eles. Escrevi a minha. Foi devolvida pelo então diretor de marketing do cartão de crédito. "Estava ruim?" Não, disse o coordenador. Estava boa, ele até gostou. "E por que recusou?" Porque ele pediu crônica e você mandou um conto. "Ah, e o que é conto e o que é crônica para ele?" A resposta serviu para os milhares de teóricos que queimam cabeça. Porque, disse o marketeiro culto, uma crônica não tem diálogos. E como a sua tem, é conto. E ainda dizem que cartões de crédito não servem à cultura! Mas, ao terminar, me veio uma dúvida. Fiz crônica até o final, mas, de repente, virou conto, porque tem diálogos. Como escrevo na quinta-feira, resta esperar até domingo. Se for publicada, é crônica. Se o espaço estiver em branco, é conto. Um conto sobre o nada, o vácuo.